

‘Vícios execráveis’ campanha médica de combate à masturbação e à homossexualidade entre os pensionistas de colégios-internatos (1845-1927)

Joaquim Tavares da Conceição*

Resumo

Este artigo aborda a produção discursiva de médicos a respeito dos perigos da prática da masturbação e da homossexualidade pelos pensionistas de colégios, com o objetivo de compreender aspectos da realidade dos internatos na vida social brasileira. Foram utilizadas como fonte principal teses produzidas por médicos formados nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro no período de 1845 a 1927. Uma característica do discurso médico-higiênico foi a afirmação de que a vida nos internatos exacerbava ou proliferava as práticas da masturbação e da homossexualidade entre os colegiais. Nessa campanha, os facultativos apresentavam orientações higiênicas aos diretores e professores dos internatos, com o intuito de evitar a entrada e a propagação dos ‘vícios execráveis’ entre os pensionistas.

Palavras-chave:

Masturbação. Homossexualidade. Colégios-internatos.

* Doutor em História Social (UFBA). Professor da Universidade Federal de Sergipe, Colégio de Aplicação (CODAP-UFS) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFS).

‘Execrable bad habits’ medical campaign fighting against masturbation and homosexuality among students from boarding schools (1845-1927)

Joaquim Tavares da Conceição

Abstract

This article is about the discourse practice of Brazilian doctors over the risks of masturbation and homosexuality among students from boarding schools, aiming at understanding aspects about the reality of such students in Brazilian social life. Theses produced by doctors trained in the medical schools of Bahia and Rio de Janeiro in the period between 1845-1927 were used as main source. One characteristic of the medical-hygienic discourse was the statement that life in boarding schools made the practices of masturbation and homosexuality proliferate among schoolboys. In this campaign, the doctors presented hygienic guidelines to boarding school principals and teachers in order to avoid the entry and propagation of the ‘execrable vices’ among the pensioners.

Keywords:

Masturbation. Homosexuality. Boarding schools.

‘Vicios execrables’ campaña médica de combate de la masturbación y lo homosexualismo entre los pensionistas de colegios-internados (1845-1927)

Joaquim Tavares da Conceição

Resumen

Este artículo abarca la producción discursiva de médicos sobre los peligros de la práctica de la masturbación y de la homosexualidad por parte de los pensionistas de colegios, con el objetivo de comprender aspectos de la realidad de los internados en la vida social brasileña. Fueron utilizadas como fuente tesis producidas por médicos graduados en las Facultades de Medicina de Bahía y de Rio de Janeiro en el período de 1845-1927. Una característica del discurso médico-higiénico fue la afirmación de que la vida en los internados exacerbaba o hacía proliferar las prácticas de la masturbación y de la homosexualidad entre los colegiales. En esa campaña, los facultativos presentaban orientaciones higiénicas para que los directores y profesores de los internados, con el objetivo de evitar la entrada y propagación de los ‘vicios execrables’ entre los pensionistas.

Palabras clave:

Masturbación. Homosexualidad. Colegios- internados.

Introdução

Este artigo aborda a produção discursiva de médicos brasileiros sobre os perigos da prática do ‘onanismo’ (masturbação) e da pederastia (homossexualidade) pelos pensionistas (internos) de colégios, com o objetivo de compreender aspectos da visão do campo médico sobre a realidade dos internatos na vida social brasileira. Para isso, foram utilizadas como fonte principal teses produzidas por médicos formados nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, no período de 1845 a 1927. Nas teses¹ doutorais, alguns médicos abarcaram nos seus escritos, além de temas que, nos dias atuais, poderiam ser classificados como específicos do campo da Medicina, uma grande variedade de temas sociais. Desse modo, os facultativos deixaram registros importantes sobre a realidade social brasileira e, especialmente, para os objetivos deste artigo, temas direta ou indiretamente relacionados à higiene dos colégios-internatos.

Campanha contra o ‘vício solitário’

O trecho em sequência é ilustrativo da produção discursiva dos médicos brasileiros sobre os ‘perigosos vícios’ do onanismo² e da pederastia³, que, segundo eles, proliferavam nos internatos brasileiros.

[...] somos forçados a dizer algumas palavras sobre a espantosa propagação do onanismo e da pederastia nos nossos estabelecimentos de educação.

¹ Foram analisadas catorze teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (FAMERJ), constantes do acervo da Biblioteca Alfredo Nascimento da Academia Nacional de Medicina (ANM-RJ), produzidas e publicadas no século XIX e compreendidas no período de 1840 a 1875, e onze teses doutorais de titulados pela Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), constantes do acervo da Biblioteca da FAMEB, selecionadas a partir de uma lista publicada na Gazeta Médica da Bahia, de teses produzidas e publicadas no período de 1840 a 1928. Consultar *Internar para educar. Colégios-internatos no Brasil (1840-1950)* (CONCEIÇÃO, 2012).

² Termo comumente utilizado pelos médicos para a prática da masturbação. O onanismo foi motivo de preocupação e recomendações higiênicas em quase todas as teses consultadas sobre a higiene nos colégios. Também presente em dicionários de medicina dedicados ao público em geral, “Este assunto é melindroso e grave, digno de toda a solicitude dos pais de família, e de todas as pessoas zelosas da moralidade e da saúde da mocidade [...] Saiba-se pois que, de todas as influências que ameaçam a existência humana, nenhuma existe mais perigosa do que esta”. ONANISMO ou MASTURBAÇÃO (CHERNOVIZ, 1890, p. 524).

³ ‘Como comumente denominada pelos médicos as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, ou a homossexualidade masculina (MACHADO, 1875).

Estes vícios, tão funestos à saúde, à inteligência e à moralidade dos jovens, cada dia assumem proporções mais assustadoras no seio dos internatos; nenhum estabelecimento desse gênero existe na corte que não esteja mais ou menos contaminado, [...]. É verdade que o clima tropical, favorecendo a precocidade e a exaltação do senso genésico, explica a predileção pelas manobras secretas, tão generalizadas entre os jovens brasileiros, encerrados nos internatos onde lhes é vedado satisfazer naturalmente a necessidade genital; porém isto não justifica a incúria dos educadores, pelo contrário, deveria exaltar a sua solicitude e multiplicar os seus esforços para melhor combaterem o terrível inimigo [...] (MACHADO, 1875, p. 20).

O onanismo, muitas vezes qualificado com os termos ‘vício execrando’, ‘vício solitário’, ‘horrível hábito’, era descrito pelos médicos como um desses hábitos terríveis que “[...] abafam o organismo, no momento em que ele parece querer fazer explosão, e aparece em todo o esplendor de suas galas, é um mal horrível, como a ideia, que o inspira” (ROLIM, 1857, p. 20). O discurso dos médicos, de combate ao onanismo, era fundamentado⁴ em uma moral religiosa e nos conselhos contidos nas obras de médicos⁵ como Samuel Auguste David André Tissot⁶ (*De l’onanisme ou de maladies produites par la masturbation*, 1758), Paul-Joseph Lallemand (*Traité des pertes séminales*, 1838), Hoffmann, Zimmermann, Deslandes (1829) Gurget, Garnier, que condenavam, em suas obras, a prática da masturbação, especialmente entre os colegiais. No século XIX, esse discurso, como aponta Foucault (2009, p. 62), elevava-se em

[...] instância soberana dos imperativos da higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas da assepsia, os grandes mitos evolucionistas a modernas instituições de saúde pública, pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social, prometia eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastardas.

⁴ Sobre outras influências teóricas recebidas pelos autores das teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro consultar Gondra (2004).

⁵ Michel Foucault aponta, como precursores do ‘discurso da masturbação’, entre outros, Bekker, Tissot, Basedow, Salzmann (FOUCAULT, 2002).

⁶ Segundo Philippe Brenot, Tissot insere-se como o criador do mito da masturbação e foi “[...] apenas o eco amplificador do choque traumático da Europa pré-científica, que descobre os mistérios da vida com a descoberta do espermatozóide e a ela reage de maneira defensiva pela proibição da masturbação” (BRENOT, 1998, p. 15).

Esse discurso médico, inaugurado no século XVIII, transformou o sexo do colegial em um ‘problema público’ e produziu sobre ele conselhos direcionados aos diretores dos colégios, aos professores e às famílias. A partir de então, surge “[...] uma literatura de preceitos, pareceres, observações, advertências médicas, casos clínicos, esquemas de reforma e planos de instituições ideais, prolifera em torno do colegial e de seu sexo” (FOUCAULT, 2009, p. 62). Influenciados por essa literatura, os médicos brasileiros, sobretudo no século XIX, impuseram uma ‘campanha’ de combate ao onanismo entre os internos de colégios. Nessa campanha, os facultativos apresentavam orientações higiênicas para que os diretores e professores dos internatos pudessem evitar a entrada e proliferação do vício entre os pensionistas, especialmente na fase da puberdade. Segundo eles, era imperativo identificar possíveis praticantes para debelar o mal, evitando o ‘contágio’⁷ e as consequências do ‘vício execrando’. Essa campanha médica contra a prática da masturbação, de acordo com Foucault, foi uma das fases da ‘pedagogização do sexo da criança’, que teve sua origem no século XVIII e se desenvolveu durante todo o século seguinte com a

[...] dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo ‘natural’ e ‘contra a natureza’, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais ‘liminares’, ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo [...] (FOUCAULT, 2009, p. 115, grifos do autor).

Na campanha contra o onanismo, os médicos alertavam sobre a necessidade de medidas urgentes para combater o vício, pois era espantosa

⁷ Médicos como o Dr. Antenor Augusto Ribeiro Guimarães, ao enfrentarem a questão do onanismo, sempre destacaram o perigo da proliferação do vício entre os internos de colégios: “E cousa notável e terrível o onanismo é contagioso, uma só ovelha leprosa basta para contaminar um rebanho inteiro. [...] A julgar pela minha própria experiência em dez masturbadores em quem a saúde se alterou imediata ou consecutivamente pode-se contar nove que se perderam no colégio ou em um internato” (GUIMARÃES, 1858, p. 47).

sua propagação entre os colegiais no Brasil. Ainda no ano de 1853, o Dr. Marinonio de Freitas Britto⁸ alertava que a prática do onanismo estava muito disseminada entre os moços da cidade de Salvador, desde a idade de oito anos, e mesmo quando homens feitos, nunca desprezavam esse pernicioso vício. Era costume que os indivíduos afeitos ao vício alegassem que, por esse meio, saciariam seus prazeres sexuais sem o perigo de contraírem a sífilis, a que por meio do coito estariam sujeitos. Igualmente, para o Dr. Sulpício Germiniano Barroso, o onanismo se manifestava como uma prática assustadora entre os moços educados em colégios na cidade de Salvador. Muitas vezes, era necessária a intervenção médica (BARROSO, 1853).

Semelhante era o discurso do Dr. João da Matta Machado, dizendo-se espantado com a incúria dos educadores da Corte Imperial diante da generalização das ‘manobras secretas’ entre os colegiais da cidade (MACHADO, 1875). Outrossim, o Dr. Sulpício Germiniano Barroso, em suas considerações sobre o onanismo, sustentava que este decorria do desenvolvimento dos órgãos sexuais, mas também concorriam para o seu incremento a escravatura, os colégios, livros, romances e as estampas (BARROSO, 1853).

Regras higiênicas contra a disseminação do ‘hábito pernicioso’

Diante da disseminação da prática da masturbação entre os colegiais, os médicos indicavam o uso de um conjunto de ‘regras higiênicas’ para extingui-la ou prevenir o seu aparecimento nos internatos. Essas regras podem ser resumidas no ilustrativo receituário prescrito pelo Dr. José Bonifácio Caldeira de Andrada Junior em sua tese doutoral de 1855.

As regras tendentes a prevenir os estragos e a disseminação do mal entre os frequentadores de uma pensão serão pouco mais ou menos as seguintes:

1º não admitir no seio da comunidade mancebo de costumes e hábitos suspeitos;

2º proibir aos alunos a conservação e a leitura de livros eróticos, as palestras levianas, e tudo que possa excitar para mal a sua imaginação ardente;

⁸ Dr. Marinonio de Freitas Britto, natural de Salvador (Bahia), filho de Manoel Francisco de Britto. Defesa da tese e obtenção do título de doutor em medicina em 30 de novembro de 1853 pela Faculdade de Medicina da Bahia (BRITTO, 1853).

- 3º repartir convenientemente os dormitórios, de modo que haja completa separação de idades;
- 4º proibir uma comunicação muito livre entre os pensionistas e os alunos externos, quando os hajam de uma e outra classe;
- 5º prevenir o despertar precoce da sensualidade por meio de exercícios bem dirigidos, pela abolição de alimentos excitantes, etc.;
- 6º punir o culpado repreendendo-o asperamente, ou, segundo a gravidade do crime, expelindo-o do colégio;
- 7º medicá-lo se carecer dos socorros da arte (ANDRADA, 1855, p. 30).

O exercício contínuo da vigilância por parte dos diretores, professores e inspetores, em todos os espaços e tempos do internato, complementava essas regras de prevenção da prática da masturbação entre os pensionistas de colégios. As diligências e os dispositivos de vigilância deveriam dar especial atenção ao espaço dos dormitórios e à disposição dos lugares e das coisas no seu interior, sendo indicado que esse espaço permanecesse iluminado durante toda a noite e que fosse visitado várias vezes. Para os facultativos, por esses meios era possível proteger os moços contra os eivados farpões do horrível e abominável vício do onanismo, “[...] sobre o qual se deve vigiar com olhos d’argos; porque infelizmente o seu sopro contagioso raras vezes deixa de empeçonhar a alma dos meninos, logo que vão tocando à certa idade [...]” (MELLO, 1846, p. 38). Esse exercício da vigilância para reprimir a prática da masturbação também é descrito, no contexto da sociedade francesa, por Alain Corbin (2009, p. 423):

A luta contra a corrente provém dos pais, do padre e sobretudo do médico. Os livros incitam a vigilância doméstica. Aos olhos dos educadores clericais, o sono deve ser o equivalente da morte, o leito, imagem do túmulo e o despertar, equivalente da ressurreição. No interior do dormitório do pensionato encontra-se uma freira para zelar pela ‘modéstia’ do despertar e do adormecer. Durante o dia, convém não deixar a criança sozinha por muito tempo. O regulamento das casas dirigidas pelas ursulinas prescreve que as moças devem ficar sempre à vista de numerosas colegas. Os médicos, por seu turno, aconselham que se evite o calor e a maciez da cama; proscrevem a manta e um exagero de cobertas, e fixam a postura do sono. A prática feminina da equitação desperta sua desconfiança, assim como a máquina de costura, denunciada pela Academia de Medicina em 1866.

A ordem era vigiar e manter os pensionistas constantemente ocupados. Nas recreações, recomendava-se que os alunos estivessem em constante movimento, sempre entretidos com atividades que despertassem o seu interesse, pois “[...] o tempo que gastam em passear tranquilamente e conversar com seus camaradas ou confidentes secretos, podia reverter sempre em detrimento da ordem, dos estudos e dos costumes” (CUNHA, 1854, p. 26). Em sua obra sobre a história da sexualidade no Ocidente, Michel Foucault interpreta que a campanha antimastubatória que mobilizou médicos, pedagogos, professores, diretores e a família em torno do sexo das crianças nos séculos XVIII e XX alicerçou-se em

[...] prazeres tênues, de constituí-los em segredos (ou seja de obrigá-los a esconderem-se para poder descobri-los, procurar-lhes as fontes, segui-los das origens até os efeitos, cercar tudo o que pudesse induzi-los ou somente permiti-los; em todo o canto onde houvesse o risco de se manifestarem, foram instalados dispositivos de vigilância, estabelecidas armadilhas para forçar confissões, impostos discursos inesgotáveis e corretivos; foram alertados os pais e os educadores, sendo entre eles semeada a suspeita de que todas as crianças eram culpadas e o medo de que eles próprios viriam a ser considerados culpados caso não desconfiassem suficientemente: tiveram de permanecer vigilantes diante desse perigo recorrente, foi prescrita a sua conduta e recodificada a pedagogia: e implantadas sobre o espaço familiar as bases de todo um regime médico-sexual (FOUCAULT, 2009, p. 49).

Para os médicos, a investigação para identificar possíveis praticantes do vício deveria ser realizada pelo diretor do colégio, com toda circunspeção para não levantar suspeita ou aguçar a curiosidade dos inocentes, arrastando-os igualmente a este ‘terrível mal’ (ROLIM, 1857). Mas como identificar um pensionista onanista? A resposta de Dr. João da Matta Machado encerrava dispositivos de saber e poder; ou seja, segundo o médico, primeiro deveria ser provocada a ‘confissão do delito’, ou ser realizada a acusação direta, se houvesse fortes indícios ou suspeitas da prática do vício por um interno. Mas, sendo esses meios ineficazes, não se poderia hesitar em utilizar o recurso extremo de surpreender o colegial em ‘flagrante delito’ e expô-lo ao escárnio dos seus companheiros. A esse respeito, o mencionado médico narrou um fato que presenciou no Seminário de Diamantina, Minas Gerais, de como um jovem regente, que cuidava do salão dos grandes, surpreendeu um dos pensionistas que

‘apresentava sinais de se entregar às manobras secretas’. O Dr. João da Matta Machado relatou que

[...] para isso colocou a sua cama em posição que lhe facilitasse, durante a noite, a observação de todos os movimentos e atitudes do suspeito. A noite desse mesmo dia, depois que todos se deitaram, procurou também o leito e fingiu que dormia; algum tempo depois os movimentos do suspeito, a sua respiração frequente e suspirosa, lhe fez compreender a verdade de suas previsões; ergueu-se sem fazer ruído e nem ser pressentido pelo delinquente, que estava voltado para o lado oposto, aproximou-se do leito e pode surpreendê-lo em meio da manobra; então, em voz alta manifesta-lhe o horror de que se achava possuído, e a admiração que lhe causava ver um moço adiantado em idade entregar-se a tão imundas práticas; quase todos os pensionistas acordando sobressaltados, sentam-se nos leitos e ouvem a longa prédica do regente sobre os perigos do onanismo. Confuso e envergonhado, o delinquente agradece os bons conselhos e faz um público protesto de emendar-se; o regente, porém inexorável chama dois conterrâneos do onanista e exorta-os a auxiliá-lo na difícil tarefa de regenerar aquela alma, e de salvar aquela vida tão seriamente comprometida. Não satisfeito com a cena que tinha provocado, durante longos meses o regente submeteu-o à mais severa vigilância; acompanhava-o por toda a parte; era a sua sombra: se ia às latrinas, o regente logo após ia bater à porta e exortá-lo a que não se trucidasse; se no recreio retirava-se um pouco dos diversos grupos, ia sentar-se a seu lado e convidava-o a tomar parte nos folguedos de seus companheiros. O delinquente de então, hoje agradece, nós o sabemos, a dedicação do regente, confessa que a ele deve a sua regeneração e dedica-lhe sincera amizade (MACHADO, 1875, p. 66).

As ‘marcas da condenação’: consequências da prática do onanismo

Os médicos também recomendavam aos diretores, professores e inspetores dos internatos atentarem para a importância de saber reconhecer os sintomas e os perniciosos efeitos físicos e morais causados pela masturbação para identificar praticantes do vício. O discurso assustador era semelhante ao de seus colegas europeus, que já alarmavam, no século XVIII, ser a masturbação capaz de provocar “[...] não apenas as piores doenças, mas também as piores deformidades do corpo e, por fim, as

piores monstruosidades do comportamento [...]” (FOUCAULT, 2002, p. 76). Os médicos ensinavam que o masturbador trazia no próprio corpo as marcas da condenação ou debilidades físicas provocadas pelo vício, ou seja, a magreza, a palidez, o encovamento dos olhos, salivações abundantes, vômitos, estatura diminuída e curvada para diante, marcha vacilante etc. Com relação ao comportamento, tornava-se tímido, melancólico, indolente, buscando sempre o isolamento, a completa perda de apetite e “[...] muitos outros incômodos, que lhe vão paulatinamente minando a existência, formam o fúnebre cortejo, que acompanha sempre tão deplorável estado. [...]” (MELLO, 1846, p. 38). O opróbrio ou a vergonha social completava o quadro pintado pelos facultativos.

Os indivíduos, que têm a infelicidade de se lançarem a tão torpe vício, vêm em pouco tempo a apresentar-se entre os seus semelhantes, como o opróbrio de sua espécie, visto que, tanto que se multiplica por algum tempo e perpetração de tão grave atentado contra sua própria vida, trazem em seu semblante, em todo o seu corpo, e tão bem em sua inteligência estampado o ignominioso ferrete, que a todos denuncia a sua lastimável paixão (MELLO, 1846, p. 38).

Drasticamente, os facultativos igualmente advertiam que, se o onanista não fosse tratado e reprimido imediatamente, o vício causava prejuízo nas faculdades intelectuais, ocasionando a completa estupidez e o idiotismo, resultando na incapacidade para o exercício de qualquer atividade ou profissão que exigisse a mínima concentração. Portanto, o onanismo era um vício que se traduzia em uma patologia social, pois, além dos anunciados prejuízos individuais, a sociedade ressentia-se da incapacidade de um dos seus membros e pela potencial capacidade de disseminação do mal (LAQUEUR, 2001). Como faz notar Michel Foucault, essa preocupação dos médicos com a perda do potencial produtivo do indivíduo onanista não era direcionada para os filhos do povo, mas às crianças e aos adolescentes dos meios burgueses, ou, de outra forma, o

[...] colegial, a criança cercada de serviçais, de preceptores e de governantes, e que corria o risco de comprometer menos uma força física do que capacidades intelectuais, que tinha o dever moral e a obrigação de conservar, para a sua família e sua classe, uma descendência sadia. (FOUCAULT, 2009, p. 132).

Os médicos também relacionavam a tísica ou tuberculose pulmonar e a epilepsia como consequências do onanismo. Ao apontar a masturbação como causadora dessas doenças, o discurso médico adotava uma ‘fabulação científica da doença total’ em que a masturbação se tornava a ‘causa possível de todas as doenças possíveis’ (FOUCAULT, 2002). É ilustrativo um dos pontos da tese intitulada *Causas da tísica pulmonar no Rio de Janeiro, suas variedades e seu tratamento* (1857), em que o Dr. Candido Teixeira de Azeredo Coutinho defendia: “Os abusos de toda espécie, os excessos venéreos, a masturbação e a sífilis são causa de tísica pulmonar” (COUTINHO, 1857, p. 26). Igualmente, o Dr. Miguel Antonio Heredia de Sá⁹ procurou apresentar uma explicação de como se dava a manifestação da tísica nos indivíduos viciados no onanismo.

[...] As pessoas dadas desde a tenra infância à masturbação tem o tórax acanhado e incompletamente desenvolvido, contém quase sempre, ou sempre, catarros crônicos, e afecções mais ou menos profundas do órgão pulmonar, que repetindo-se termina na tísica. As causas são intuitivas; sabido é pois por todos que durante a extrema excitação que acompanha o orgasmo venéreo o homem fica em um estado epilectiforme, o rosto colora-se, a respiração acelera-se, os movimentos tornam-se convulsivos, a circulação se ativa, etc.; durante esforços tão enérgicos o sangue acumula-se no peito e o coração que dobrando de atividade impele-o para os pulmões e cérebro tornando-se estes dois órgãos sede de congestões. Então os pulmões, forçados a obrar precipitada e anormalmente sobre a desproporcional quantidade de sangue que os dilata, contraem essa primeira irritação que reproduzida frequentemente ocasiona e dispõe a tísica (COUTINHO, 1857, p. 16).

O Dr. Sulpício Germiniano Barroso dizia que a epilepsia era uma afecção nervosa que, conquanto dependesse de outras causas, manifestava-se em consequência do onanismo. Para ilustrar, o médico apresentava o caso, citado por Zimmermam, de um rapaz dado ao vício da masturbação, que se tornou epilético e todas as vezes que tinha “[...] poluções era acometido imediatamente do ataque, e a mesma coisa sucedia quando se masturbava: os acessos foram repetindo-se com tal intensidade que o indivíduo morreu em

⁹ Dr. Miguel Antonio Heredia de Sá, natural do Rio de Janeiro, filho de Antonio Lino Heredia. Defesa da tese e obtenção do título de doutor em medicina em 19 de dezembro de 1845 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (SÁ, 1845).

um deles” (BARROSO, 1853, p. 16). Por sua vez, o Dr. Heredia de Sá registrou em sua tese o caso de um menino epilético e já idiota pelos efeitos do onanismo. Internado no Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, o menino apresentava na expressão da face o vício e o “[...] padecer; teria ao muito doze anos; seu corpo era franzino e atrofiado, mas os órgãos genitais eram prodigiosos e tão completamente desenvolvidos como se fossem de um homem” (SÁ, 1845, p. 16).

Igualmente, a masturbação era enumerada entre as causas que, no ‘sexo amável’, aceleravam a época do primeiro ‘fluxo catamenial’, pois “[...] irrita os órgãos genitais, produz o fluxo do líquido, excita, e faz aparecer as funções do útero” (FIRMINO, 1840, p. 16). Desse modo, justificava-se a necessidade de que as meninas, logo que se aproximassem da puberdade, fossem educadas em casa, sob a vigilância dos pais, pois estariam sujeitas a muitos perigos, permanecendo nesse estado nos internatos. Sobretudo, porque a puberdade era considerada uma fase de muitas mudanças em que as meninas se viam atormentadas por uma melancolia amorosa, tristeza e formavam “[...] ligações íntimas, adquirem em pouco tempo hábitos funestos, que dilaceram muitas vezes o véu do pudor e fazem perder a sedutora inocência, que é o mais belo ornato de uma moça” (MELLO, 1841, p. 16). Assim, por mais zelosa que fosse a vigilância, exercida pelas pessoas encarregadas da educação das meninas, não era possível nos internatos cuidar de cada uma em particular. A retirada das meninas dos internatos nessa fase causou admiração em viajantes que estiveram no Brasil. Agassiz e Cary (2000, p. 435) afirmavam que

[...] nos pensionatos frequentados pelas filhas das classes abastadas, todos os professores se queixam de que se retiram as alunas justamente na idade em que a inteligência começa a se desenvolver. A maioria das meninas enviadas à escola aí entram com a idade de sete ou oito anos; aos treze ou quatorze são consideradas como tendo terminado os estudos. O casamento as espreita e não tarda em tomá-las. Há exceções, está visto. Alguns pais mais razoáveis prolongam a permanência no pensionato ou fazem dar a instrução em casa até dezessete ou dezoito anos; outros mandam suas filhas para o estrangeiro.

O Dr. Candido Teixeira de Azeredo Coutinho recomendava aos diretores, além de saber reconhecer as consequências ou doenças provocadas pela prática do onanismo, o exame semanal nas roupas, nos leitos, nas estantes e gavetas dos pensionistas, a fim de encontrar possíveis indícios da prática do vício ou impressos que pudessem induzir ao erro. Se

a despeito de toda vigilância e ensinamentos morais o ‘vício solitário’ adentrasse o internato, algumas medidas eram ensinadas pelos médicos, dirigidas aos diretores e professores, a fim de debelar o mal, ou, pelo menos, evitar sua proliferação entre os pensionistas. Essas orientações eram, entre outras, os exercícios físicos, a leitura de livros de cunho moral¹⁰ e religioso, a alimentação sem excitantes e os banhos de mar¹¹. Dentre essas orientações higiênicas indicadas, a recomendação da ocupação dos colegiais em atividades de recreação e exercícios ginásticos foi uma constante no discurso médico-higiênico de combate ao onanismo, como pode ser exemplificado no trecho da tese do Dr. Antenor Guimarães (1858, p. 24, grifo do autor):

Com efeito é só por uma agitação muscular contínua que se pode combater eficazmente a predominância genital tão frequente nos nervosos; é só assim que se poderá obstar ao formidável vício do onanismo. O menino ágil e forte é raras vezes dado a este vício, em quanto que o indolente e fraco só por um milagre escapa a ele. Ao passo que o aparelho genital do primeiro sofre até a época da puberdade uma espécie de atrofia que contrasta com o vigor dos membros ‘o do segundo’ adquire por um estímulo incessante um desenvolvimento muitas vezes considerável. As forças do organismo chamadas ao centro de ação abandonam o cérebro, o ventre, o peito e os músculos; quanto mais progride a fraqueza tanto mais se alimentam as disposições viciosas, convém pois sujeitar o menino a trabalhos musculares até quanto permite seu temperamento máxime nas proximidades da puberdade.

Ainda, segundo os facultativos, para combater a masturbação entre os colegiais, era preciso impedir o isolamento e a misantropia, principalmente dos internos, como elucidado no discurso do Dr. Antonio Francisco Gomes:

¹⁰ O médico Candido T. de A. Coutinho recomendava que diretores mandassem os meninos “[...] convictos de onanismo” fazerem, sob a orientação de um sacerdote, a leitura da obra de Tissot para se tornarem cientes dos perigos da prática do onanismo (COUTINHO, 1857, p. 26).

¹¹ O Dr. José Ferraz de Oliveira Durão destacava, entre as qualidades terapêuticas do banho de mar, o combate à debilidade geral provocada pela prática da masturbação (DURÃO, 1845).

Tão funestas consequências devem obrigar o educador a vigiar por toda a parte o seu educando, procurando tirá-lo do isolamento, afastá-lo da tristeza, entregá-lo aos diferentes exercícios, como a natação, a esgrima, a dança, luta, etc., não permitir-lhe dormir a sós em cama separada, e em lugar retirado, nutri-lo de alimentos temperantes, pouco nutrientes e excitantes. E se por tais meios não tiver conseguido dele o abandono de tal vício, tratará então de falar-lhe ao coração, pintando com as mais negras cores os males que ‘seguir-se devem’ a tão vergonhosa paixão. Com o auxílio de tais meios chegar-se-á, senão sempre, ao menos no maior número de casos, a obter o resultado desejado (GOMES, 1852, p. 12, grifo do autor).

Essas orientações de como tratar a criança ou o jovem masturbador circulavam no Brasil no século XIX na forma de prospectos, mementos do pai de família, dicionários populares, entre outros. Entre esses impressos, pode ser citado *O Dicionário de medicina doméstica e popular*, que no verbete ‘Polluções ou spermatorrhea, apresenta orientações sobre a masturbação ou onanismo, apresentando recomendações a respeito da dieta, do vestuário, do banho, entre outras.

As regras dietéticas são mui importantes; convém evitar qualquer congestão para as partes genitais, e fugir por isso de todo o contato com as mulheres, o vestuário deve ser livre, não muito quente ou apertado; o doente deve dormir sobre um colchão duro e com pouca coberta, não dormir de costas, o que se pode prevenir por meios artificiais, deitando o doente com uma cinta, onde na parte que corresponde às costas se põe alguma coisa dura ou pontuda, que o incomoda e torna a posição de costas desagradável. As partes genitais externas banha-se 3 a 4 vezes por dia com água fria, conservando-as sempre alguns minutos no banho. O doente deve levantar-se cedo, às vezes mesmo de noite quando lhe aparece a ereção do membro, trabalhar ao ar livre, e escolher um serviço forte que o canse; fazer uso de banhos frios gerais, sendo o de mar preferíveis, tomar choques de água fria sobre as costas e osso sacro, e clisteres de água fria (LANGGAARD, 1865, p. 302).

Caso não se obtivesse sucesso com as recomendações e terapêuticas utilizadas, como medida drástica¹², a expulsão do colégio do ‘convicto no onanismo’ era recomendada, a fim de se alcançar a higiene moral do internato.

Nas primeiras décadas do século XX, o discurso alarmista e denunciador da prática do onanismo entre os internos de colégios, de conteúdo profundamente moralista, continuou em pauta no discurso médico. A Dra. Ítala Silva de Oliveira¹³, sergipana formada na Faculdade de Medicina da Bahia, na sua tese *Da sexualidade e da educação sexual* (1927), alertava para a proliferação do vício que, segundo ela, campeava na penumbra dos dormitórios dos internatos. Entretanto, ainda nesse mesmo período, o Dr. Oscar Bastos Rabello (1920), afastando-se da tese dominante que condenava o onanismo, lembrava em sua tese, *A pedagogia feminina em face da medicina*, de 1920, que o médico Auguste Henri Forel (1848-1931) não condenava sua prática, espaçada, higiênica e moderada e ele, do mesmo modo, não encontrava base na medicina para condená-lo. Dessa forma, o discurso médico sobre a masturbação, ainda que buscasse a legitimidade na análise científica, pautou-se muito mais em uma ‘verdadeira campanha’. Tratava-se de exortações, conselhos e injunções (FOUCAULT, 2002).

Campanha contra a ‘pederastia’

A pederastia ou sodomia, como os médicos denominavam a homossexualidade, era outro vício apontado como prejudicial à saúde e à moralidade dos pensionistas. No ano de 1869, o Dr. Frutuoso Pinto da Silva¹⁴ escrevia em sua tese que a pederastia latente ia sorrateiramente e com passos largos fazendo suas maléficas conquistas entre os colegiais. Por isso, o médico conclamava a atenção de diretores e professores dos

¹² Circularam também em prospectos, anúncios, mementos, tratados, algumas medidas contra a masturbação, como o uso de camisolões, amarrar as mãos, corpetes, ataduras, cintos, a cauterização da uretra, do clitóris e do orifício da vulva, sanitários tendo na parte superior e na inferior orifícios autorizando o controle de posturas (FOUCAULT, 2002; CORBIN, 2009).

¹³ Dr.^a Ítala Silva de Oliveira, natural de Sergipe, filha de Silvano Auto de Oliveira e Marcionilla Silva de Oliveira. Defesa da tese em 31 de outubro de 1927 pela Faculdade de Medicina da Bahia (OLIVEIRA, 1927).

¹⁴ Dr. Frutuoso Pinto da Silva, natural da Bahia, filho de Antonio Pinto da Silva e Frutuosa Maria de Souza Pinto. Obteve o título de doutor em medicina em 1969 pela Faculdade de Medicina da Bahia (SILVA, 1869).

colégios-internatos, a fim de “[...] empregar os meios capazes de extinguir este pernicioso vício, que degrada e avilta [...]” (SILVA, 1869, p. 22).

Para o Dr. Sulpício Germiniano Barroso, a homossexualidade estava relacionada com a vida reclusa dos internatos e das “[...] amizadas e proteções insidiosas [...]” que induzem os meninos “[...] às práticas degradantes, por cujo uso terão de arrepender-se, e de corar de pejo, quando mais tarde a palavra – colégio – for proferida em sua presença [...]” (BARROSO, 1853, p. 8). Para impedir essa ‘inqualificável desmoralização’ nos internatos, as práticas de vigilância e proibições indicadas para o combate ao onanismo podiam também ser utilizadas, além de uma “[...] rigorosa punição dos suspeitosos e dos surpreendidos em flagrante delito” (GUIMARÃES, 1858, p. 47).

Em 1910, o Dr. Raul Mendes de Castilho Brandão, crítico extremado do internato, afirmava que muitos homens ilustres tinham o ‘diploma de homossexuais’ adquirido na vida reclusa dos internatos. Segundo ele, situação idêntica ocorria nos internatos femininos, dos quais muitas meninas saíam “[...] histéricas e pervertidas!! Quantas tribades, lésbicas de lá não têm saído! [...]” (BRANDÃO, 1910, p. 8). Ainda argumentava o médico:

Toda a razão tinha, distinto cavalheiro, quando respondia da seguinte maneira, as censuras que lhes faziam, por não botar seus filhos no colégio, enquanto eram jovens e era tempo de se aproveitar a inteligência, respondia-lhe ele: é justamente, por serem jovens que não os boto no colégio agora, quero que eles primeiro aprendam a discernir o bem do mal; quanto a aproveitar a inteligência, enquanto jovens, digo-lhes que prefiro burros a homossexuais (BRANDÃO, 1910, p. 8).

Os relacionamentos de homossexualidade entre os pensionistas de colégio podem ser compreendidos como uma consequência do confinamento no ‘mundo monossexual’ do internato no qual, de regra, os internos se dividiam entre ‘protetores’, dotados de masculinidade, e ‘protegidos’, dotados de feminilidade. Situação comumente descrita em romances de internato:

Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo (POMPÉIA, 2001, p. 33).

Mas, como observa Jean-Claude Caron, muitas vezes, a formação dessas redes afetivas de comportamentos protetores não era unicamente resultante de uma homossexualidade nascente, mas em igual medida de “[...] uma falta de relações afetivas familiares, rompidas de maneira brutal em internatos perigosamente fechados, e compensada por uma transferência de afetividade para tal ou qual camarada” (CARON, 1996, p. 178).

Considerações finais

Foi uma característica do discurso médico-higiênico a propaganda, com roupagem científica, de que a vida nos internatos exacerbava ou proliferava as práticas da masturbação e da homossexualidade entre os colegas. Quanto ao combate do onanismo, o discurso médico consubstanciou-se, sobretudo no século XIX, em uma campanha por meio de um conjunto de regras higiênicas e conselhos direcionados aos diretores dos colégios, aos professores e às famílias, a fim de evitar a entrada e/ou a proliferação do vício entre os pensionistas de colégios.

Fez parte do receituário de combate ao onanismo o exercício contínuo da vigilância, dando especial atenção ao espaço dos dormitórios; ao exame semanal nas roupas, nos leitos, nas estantes e gavetas dos pensionistas; aos exercícios físicos; a uma alimentação sem excitantes; à leitura de livros de cunho moral e religioso; aos banhos de mar; à entrada de todo tipo de impresso que pudesse despertar o senso genésico, entre outros.

Os médicos destacavam diversos efeitos físicos causados pela masturbação, entre eles, a magreza, a palidez, o encovamento dos olhos, salivações abundantes, vômitos, estatura diminuída e curvada para diante e marcha vacilante. Com relação ao comportamento, tornavam-se tímidos, melancólicos, indolentes, buscando sempre o isolamento. O vício era apresentado como uma patologia social, pois causava prejuízo nas faculdades intelectuais, ocasionando a completa estupidez e o idiotismo, resultando na incapacidade para o exercício de qualquer atividade ou profissão que exigisse a mínima concentração. E, finalmente, adotando uma ‘fabulação científica da doença total’ em que a masturbação se tornava a ‘causa possível de todas as doenças possíveis’, os médicos também relacionavam a tísica, ou tuberculose pulmonar, e a epilepsia como consequências do onanismo.

A pederastia ou sodomia, como os médicos denominavam as relações de homossexualidade, também era apontada pelos facultativos como um vício disseminado nos internatos e prejudicial à saúde e à

moralidade dos pensionistas. Segundo eles, a prática era resultante da vida reclusa e das amizades e proteções insidiosas que ocorriam nos internatos e podia ser impedida pela vigilância e pelas proibições indicadas para o combate ao onanismo.

Enfim, permaneceria, no decorrer do século XX, embora com o relativo aparecimento de posições mais progressistas, a propaganda, com roupagem científica, de que a vida nos internatos exacerbava ou proliferava as práticas da masturbação e da homossexualidade entre crianças e adolescentes e, por isso, o internato deveria ser, quando possível, evitado pelas famílias. Quando indispensável, o recurso ao internato deveria seguir orientações higiênicas e morais, a fim de evitar a proliferação e/ou exterminar os propalados ‘vícios execráveis’ que impediam o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos pensionistas dos colégios-internatos.

Referências

- AGASSIZ, L. A.; CARY, E. *Viagem ao Brasil – 1865-1866*. Brasília: Senado Federal, 2000.
- ANDRADA, J. B. C. A. *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. Regras principais tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve e Comp., 1855.
- BARROSO, S. G. *Breves considerações acerca do onanismo ou masturbação*. Bahia: Typographia de Luiz Olegário Alves, 1853.
- BRANDÃO, R. M. C. *Breves considerações sobre a educação sexual*. Salvador: Imprensa Nova, 1910.
- BRENOT, P. *Elogio da masturbação*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1998.
- BRITTO, M. F. *A libertinagem e seus perigos relativamente ao físico e moral do homem*. Salvador: Typographia de Vasco Carneiro d’Oliveira Chaves, 1853.
- CARON, J. C. Os Jovens na escola: Alunos de Colégios e Liceus na França e na Europa (Fim do Séc. XVIII – Fim do Séc. XIX). In: LEVI, G.;

SCHMITT, J.-C. *História dos jovens: a época contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 178.

CHERNOVIZ, P. L. N. *Dicionário de medicina popular e das ciências acessórias...* 6. ed. Paris: Chernoviz: A. Roger & F., 1890. v. 2. (Brasiliiana da USP).

CONCEIÇÃO, J. T. *Internar para educar*. Colégios-internatos no Brasil (1840-1950). 2012. 322f. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2012.

CORBIN, A. Bastidores. O segredo do indivíduo. In: PERROT, M. *História da vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COUTINHO, C. T. A. *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos*. Regras principais tendentes à conservação da saúde e do desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios. Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1857.

CUNHA, B. C. *Esboço de uma higiene de colégios, aplicável aos nossos; regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem reger os nossos colégios*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1854.

DESLANDES, M. L. *Compendio de higiene pública y privada: o tratado elemental de los conocimientos relativos à la conservacion de la salud, y à la perfeccion física y moral de los hombres*. Gerona: En la oficina de A. Olíva, 1829. Tomo I.

DURÃO, J. F. O. *Breves considerações acerca do emprego higiênico e terapêutico dos banhos de mar*. Rio de Janeiro: Typographia Teixeira & Cia., 1845.

FIRMINO, J. J. *Dissertação sobre a menstruação, precedida de breves considerações sobre a mulher*. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de F. P. Brito, 1840.

FOUCAULT, M. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

GARNIER, P. *Onanismo: só e a dois sob todas as suas formas e suas consequências*. Rio de Janeiro: H. Garnier, [1883?].

GOMES, Antonio Francisco. *Influência da educação física do homem*. Rio de Janeiro: Typographia Dous de Dezembro, 1852.

GONDRA, J. G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

GUIMARÃES, A. A. R. *A higiene dos colégios*. Esboço das regras principais tendentes à conservação da saúde, e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais segundo as quais se devem reger os nossos colégios. Rio de Janeiro: Typographia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858.

LANGGAARD, T. J. H. *Dicionário de medicina doméstica e popular*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1865. Tomo terceiro (M-Z).

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo*. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MACHADO, J. M. *Da educação física, intelectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro da sua influência sobre a saúde*. Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1875.

MELLO, J. T. *A higiene da mulher durante a puberdade, e aparecimento periódico do fluxo catamenial*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1841.

MELLO, J. P. *Generalidades a cerca da educação física dos meninos*. Rio de Janeiro: Typographia de Teixeira e Comp., 1846.

OLIVEIRA, I. S. *Da sexualidade e da educação sexual*. Bahia: [s.n.], 1927.

POMPÉIA, R. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 2001.

RABELLO, O. B. *A pedagogia feminina em face da medicina*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1920.

ROLIM, J. G. *Esboço de uma higiene dos colégios aplicável aos nossos: regras principais tendentes à conservação da saúde e ao desenvolvimento das forças físicas e intelectuais, segundo as quais se devem regular os nossos colégios*. (Quarto ponto. Ciências Médicas) Rio de Janeiro: N. L. Vianna & Filhos, 1857.

SÁ, M. A. H. *Algumas reflexões sobre a cópula, onanismo e a prostituição do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1845.

SILVA, F. P. *Higiene dos colégios*. Salvador: Typographia de F. Felix, 1869.

Endereço para correspondência:

Joaquim Tavares da Conceição

Rua Reginaldo Passos Pina, 399

Bairro Inácio Barbosa

CEP 49040-720

Aracajú - SE

E-mail: joaquimcodapufs@gmail.com

Submetido em: 05/02/2014

Aprovado em: 15/07/2014

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.